

/artigos

# Ciborgues e Organorgs: uma análise imperfeita do Manifesto Ciborgue, de Donna Haraway

Débora Aymoré

NECTEC, Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0000-0003-1384-6681>[deboraaymore@gmail.com](mailto:deboraaymore@gmail.com)

**Resumo:** Durante um ano de semestres letivos sucessivos (2024.2 e 2025.1), o grupo de estudos do Orgânico e do Organismo (GEO/ NECTEC, UFPR) analisou a obra *A reinvenção da natureza: símios, ciborgues e mulheres* (1991/ 2023) de Donna Haraway. O GEO conta com a dupla parceria: com o PET Filosofia, UFPR e com o NECTEC - Núcleo de Estudos da Cultura Técnica e Científica, cuja coordenação é compartilhada com a autora do texto apresentado em 08 de outubro de 2025 na reunião do PET Filosofia, sob os olhares atentos e cativantes dos responsáveis pela revista *Cadernos PET-Filosofia*, que cordialmente sediou os dois primeiros volumes da revista *Tecnociência* e publicará o terceiro, para o qual este texto foi anteriormente designado. Dentre os capítulos da coletânea de *A Reinvenção da Natureza: símios, ciborgues e mulheres* está o icônico "Um manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX" (1985/ 2023). Na sequência dos estudos, a obra *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno* (2016/ 2023) fazemos e desfazemos nossas figuras de barbante (SF), enquanto estudamos esta obra de Donna Haraway em 2025.2, juntamente com a obra de Carolyn Merchant, *A morte da natureza: mulheres, ecologia e revolução científica* (1983/ 2025). Este artigo é o resultado dos estudos que a multifacetada obra de Haraway nos permite realizar em tempos mais ou menos acelerados, cujo resultado é, além disso, o potencial ganho de consciência sobre a vulnerabilidade dos organismos, considerando as investidas contínuas dos autômatos, máquinas e sistemas técnicos, que, assim como os viventes, consomem mundo para se materializam, por vezes sujeitando os sujeitos à obsolescência.

**Palavras-chave:** Ciborgue, Naturocultura, Organorg.

**Abstract:** During two successive academic terms (2024.2 e 2025.1), the Organic and Organism Study Group (GEO/ NECTEC, UFPR) analyzed Donna Haraway's *Simians, Cyborgs, and Women* (Original 1991/ Portuguese translation 2023). GEO has a dual partnership: with PET Filosofia, UFPR (PET Philosophy, UFPR) and NECTEC - Study Center of Technical and Scientific Culture, whose coordination is shared with the author of the text presented in October 08th, 2025 during a PET Filosofia meeting, under the attentive and captivating eyes of *Cadernos PET-Filosofia's* responsible, that cordially hosted two volumes of *Technoscience* review, and is about to publish the third one, for which

this text was previously designated. Among the chapters of *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature* is the iconic text "A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century" (Original 1985/ Portuguese translation 2023). In the sequence of the studies, *Staying with the Trouble: Making Kin with the Chthulucene* (Original 2016/ Portuguese translation 2023) we embroider and un-embroider our string figures (SF), while studying this Donna Haraway's book in 2025.2, jointly with Carolyn Merchant's *The death of nature: women, Ecology and the Scientific Revolution* (Original 1983/ Portuguese translation 2025). This article is the result of these studies that the multifaceted Haraway's work allows us to carry out in times more or less accelerated, whose result is, besides that, the potential gain of consciousness about organism's vulnerabilities, considering the continuous attacks from automata, machines and technical systems, that, just like the living beings, consume word to materialize, sometimes subjecting human beings to its obsolescence.

**Keywords:** Cyborg, Naturecultural, Organorg.

---

## Introdução

Donna Haraway é reconhecida por Elsa Dorlin e Eva Rodriguez como a maior feminista anglofônica contemporânea, companheira de ciborgues e cães, irmã dos primatas e dos ratos de laboratório. Bióloga de formação, historiadora e filósofa das ciências, Haraway é professora emérita da University of Santa Cruz, Califórnia, no departamento de História da consciência (cf. DORLIN & RODRIGUEZ, 2012).

Em suas obras interrogou as práticas e os mitos tecnocientíficos com ferramentas críticas do marxismo, dos estudos culturais, da ecologia anti-imperialista e do feminismo negro. Mesmo reconhecendo que a história e a filosofia da ciência permaneçam ambientes sem comunicação entre estudos de ciência e gênero, Haraway redige e estrutura com seu estilo singular, que, inclusive, varia ao longo de suas obras, linhas de sentido com novas metáforas, nas suas figuras de barbante (cf. HARAWAY, 2016/ 2023).

Haraway muda a fluidez de seus estilos de escrita de acordo com interlocutores e públicos. Nos anos 1970, demonstrou interesse pela biologia do desenvolvimento (1850 – 1930), analisando o papel das metáforas na biologia. Diplomada em zoologia, filosofia e literatura, dedicou-se à história da primatologia. Neste último em particular, o estudo dos primatas não humanos se fixa no realismo,

pretendendo revelar a natureza antes da cultura, em que as fronteiras, definições, ordens e classes são definidas.

Ao identificar tais estruturas, busca o discurso que constitui a natureza, que também se projeta sobre as sociedades humanas, como nos textos em que analisa o conceito de dominação, cuja base está nos estudos que utilizam o comportamento animal como modelo para a compreensão do comportamento humano e social, através do debate acerca do “macho dominante” ou da origem da sociabilidade a partir dos “caçadores/coletores”, utilizados, inadvertidamente, como reforço do patriarcado moderno. Mesmo se declarando uma “testemunha modesta” (DORLIN & RODRIGUEZ, 2012, p. 8), Haraway constitui em suas obras conhecimento corporificado e situado.

Nos trabalhos mais recentes, as espécies companheiras ganham destaque, devido à coevolução, incluindo “qualquer outro ser orgânico ao qual a existência humana deve ser aquilo que é” (DORLIN & RODRIGUEZ, 2012, p. 9), constituindo a naturocultura. Natureza e cultura representam uma das fronteiras que foram ultrapassadas. Assim como as de natural/ artificial, realidade/ ficção, organismos/ máquinas, conforme veremos na análise do Manifesto Ciborgue, publicada no ano de 1985 na *Socialist Review*.

Formando epistemologias corporificadas e situadas, Haraway mobiliza categorias, como a de corpo, que produzem marcas históricas e sociais. Enquanto escrita aparentada da ficção científica, a metáfora do ciborgue representa universos distópicos, em que os organismos são colocados em relações em rede, interconectados ao fluxo de comunicação e de informação mediados por tecnologias. Mesclando máquina e organismo, Haraway refere-se ao organismo cibernético, ao qual as tecnologias acopladas permitem ao organismo superar algumas limitações decorrentes da impossibilidade de adaptar-se aos ambientes hostis à sobrevivência por estarem além ou aquém do limite da biosfera.

No que segue apresentaremos o Manifesto Ciborgue a partir da tradução realizada por Rodrigo Tadeu Gonçalves nas cinco partes que o compõem: “Um

sonho irônico com uma linguagem comum para as mulheres no circuito integrado” (p. 259-270), “Identidades fraturadas” (p. 270-280), “Informática da dominação” (p. 280-289), “A economia do trabalho doméstico ‘fora do lar’” (p. 289-296) e “Mulheres no circuito integrado” (p. 296-303), porém utilizando-nos de títulos mais adequados às ênfases próprias desta análise.

### **I. A ficção que se torna realidade: o duplo potencial das tecnologias**

Haraway visualiza a construção de um discurso irônico, pautado no materialismo e no feminismo, sendo a figura do ciborgue existente desde relações sociais vividas, mesmo que, no século XX, as fronteiras entre ficção científica e realidade social estejam borradas. A medicina moderna proporciona acoplamentos entre organismo e máquina, sendo impossível ao ciborgue a reprodução orgânica por ser um híbrido de máquina e organismo, reservando-se a ele/a ciborgue a replicação (cf. HARAWAY, 1985/ 2023, p. 260). “Somos todos quimeras, híbridos teorizados e fabricados de máquina e organismo; em resumo, somos ciborgues” (1985/ 2023, p. 261).

No capitalismo Ocidental a natureza é apropriada como recurso para produzir a cultura e o olhar do outro utilizado como fonte de representação de si. Porém, a externalidade de ambos, ou seja, dos objetivos de apropriação dos recursos que se supõem sem valor antes da transformação em mercadoria, vendável por trocas econômicas, e o olhar do outro expressam uma sociedade em que o consumo sem limites se torna a principal forma de interação social, nos seus atravessamentos econômicos que se mantêm na superfície das coisas, sem adentrar em camadas profundas de significado e de crescimento subjetivo. Deste modo, a redução a dualismos fixos, como os de natureza e cultura, de natural e artificial, permanecem em disputa, pois permanecem em conflito “[...] os territórios da produção, reprodução e imaginação” (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 261).

O imaginário, individual e coletivo, potencializado pela ficção, capaz tanto de antever através da prospecção cenários catastróficos, quando de imaginar mundos

possíveis em que a coexistência na diversidade sobreponha o individualismo narcísico moderno, de modo que o pós-modernismo na escrita de Haraway é não-naturalista e imagina um mundo sem gênero e um mundo sem fim (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 261). Supor a catástrofe como único desfecho das sociedades ocidentais modernas é isolar-se na desesperança ao invés de criar redes de apoio fortes o suficiente para proteger das mutações climáticas.

Os compromissos ciborgue estão conectados à parcialidade, à ironia, à intimidade, pois nada mais íntimo ao organismo que as máquinas a ele acopladas com seus cabeamentos visíveis ou invisíveis, nas relações que se estabelecem em redes virtuais de interação, na medida em que a intensidade dos fluxos de informação parecem dissolver o ego em máscaras multifacetadas, dificultando cada vez mais manter o foco de atenção que permita ao barco manter-se no curso ao invés de à deriva, sem braços para remá-lo, a depender das tempestades e dos monstros marinhos que o assolam, dos ventos que sopram, ora em uma direção ora em outra.

Permanecer na parcialidade é reconhecer que a relação entre “[...] natureza e cultura são retrabalhadas” (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 263), sem esperanças de restauração do paraíso, que jamais existiu para ele/a. Ciborgues são o resultado da interação entre militarismo e capitalismo patriarcal, aos quais não se filiam. Três fronteiras foram borradas, embora subsequentemente fragmentadas em um caleidoscópio de dualismos sem solução pós-modernas, além de sua reescritura:

1) humano/ animal; 2) animal/ humano e máquina e 3) físico/ não físico.

A primeira fronteira, entre humano e animal, está relacionada à investigação biológica do comportamento dos animais e que podem servir de fundamento para o conhecimento sobre o comportamento humano. A segunda fronteira, as máquinas do final do século XX se diferenciam das demais, pois, para Haraway, são perturbadoramente vivas. Finalmente, a terceira fronteira, entre físico/ não físico, a maioria das máquinas modernas são microeletrônicos (cf. HARAWAY, 1985/ 2023, p. 265-266), o que nos coloca diante da incapacidade de os usuários conhecerem seu funcionamento e mesmo de analisar em profundidade suas consequências sociais,

haja vista a invisibilidade associada à miniaturização, pois o poder é luminoso e pretende tornar tudo transparente, embora corpos sejam materiais e opacos (cf. HARAWAY, 1985/ 2023, p. 267).

No âmbito político, o poder se expressa como potenciais de dominação e de libertação, ressaltando Haraway que a visão única é menos potente que a visão dupla ou a visão múltipla. Monstruosos e ilegítimos, os ciborgues buscam resistências e reintegrações possíveis.

## **II. Colocar dualismos em movimento, antes que eles nos aprisionem**

A fratura das identidades é um dos efeitos do rápido fluxo de informações, mesmo que pareçam contraditórias. Ciborgues não fornecem base para unidade essencial, mesmo que discursos científicos ainda pretendam reduzir ao naturalmente dado, ao aparente destino orgânico oriundo de características biológicas que designam fêmea imputando-lhe o nem sempre desejado destino reprodutivo. Categoria complexa, Haraway afirma que fêmea é

[...] construída de discursos científicos sexuais disputados e outras práticas sociais de consciência de gênero, raça e classe é uma conquista forçada sobre nós pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do patriarcado, colonialismo e capitalismo (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 265-270).

Segue a partir daqui a identificação da crítica feminista com a conscientização de processos subterrâneos, em que o racionalismo se projeta conformando a ideia de sujeito, mesmo que na pós-modernidade representada por Haraway, o “eu” se torne performativo. Trata-se, assim, de uma postura anti-essencialista.

Para Stuart Hall, o termo “identificação” é mais apropriado do que identidade, uma vez que a “[...] identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas por outros grupos ou pessoas, ou mesmo a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2014, p. 106), diante da possibilidade de firmar laços de solidariedade ao grupo, mesmo que esta dinâmica nunca esteja completa. Segundo a lógica do mais-que-um, interagindo identificação

com diferença, que, por meio do trabalho discursivo, estabelece o que é deixado de fora.

Porém, para Haraway, as fronteiras designam experiências históricas terríveis. Representando, segundo María Lugones, categorias atômicas, homogêneas e separáveis, algo que só se tornaria visível a partir das críticas das mulheres negras e do terceiro mundo ao feminismo universalista, destacando o caráter imprescindível de categorias que interseccionam raça, classe, sexualidade e gênero (cf. LUGONES, 2019).

Seguindo esta mesma linha argumentativa, Haraway considera que as identidades formam o mito do “nós”, e mesmo o termo “mulheres fragmente a partir de localizações: diferentes corpos, profissões, classe, gênero, cidadania, o que leva à crise da identidade política (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 271). Trata-se antes, como atestado por Cheila Sandoval (1984), de conquistar a “consciência opositiva” ao reler as redes de poder que se instauram, na medida em que as localizações não são as mesmas e nem os tempos em que cada processo se realiza. Haraway afirma uma unidade eletiva, na medida em que o produto mais elevado do Ocidente seria o homem enquanto produtor da história, imagem esta que se dissolve. Deste modo,

A luta teórica e prática contra a unidade-pela-dominação ou contra a unidade-pela-incorporação ironicamente mina não apenas as justificativas do patriarcado, colonialismo e outros ‘ismos’ pelos quais nos lamentamos, mas também todas as reivindicações por uma posição orgânica ou natural (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 273).

O compromisso é de que ciborgues não partem de matriz natural e mesmo a categoria trabalho é expandida para destacar as mulheres no lar, as mães, sendo a consciência de que realizam trabalho parte da conquista de consciência, que não é um fato natural (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 277). A imposição da objetificação sexual se confunde com a consciência da mulher, partindo da subjetividade relacionada à apropriação sexual, cuja existência se vincula ao atendimento dos desejos masculinos. Mobilizam-se, assim, as forças vitais na associação entre trabalho

produtivo e reprodutivo feminino à estruturação de gênero. Cabe questionar, no entanto, o que ocorre quando a economia se torna “bioeconomia”, a partir do processo de desmaterialização da moeda dada em garantia para a estabilidade das trocas financeiras?

Segundo Haraway, as tecnologias de informação e de comunicação podem ser dirigidas para a realização do C3I (comando, controle, comunicação, informação), demonstrando as relações entre tecnologias e intenções mais ou menos explícitas de controle. Segundo Céline Lafontaine (2014), a bioeconomia se apresenta no processo de desmaterialização da moeda de troca que torna possível perder de vista a matéria sobre a qual se erige a produção e o próprio vivente, ambos na base da produção e reprodução. Além disso, na medida em que os corpos foram fragmentados em parcelas significativas para a investigação das estruturas, processos, interações e leis subjacentes (EPILS), a economia representa para o corpo a expressão da manutenção, prolongamento e aprimoramento da vida em si mesma, na expressão de Nikolas Rose (2007).

Dentre as mudanças apontadas por Rose (2007, p. 5-6), destacam-se: a molecularização, que identifica, isola, manipula, recombina, mobiliza, interferindo na ordem natural; otimização, considerando o projeto de melhor futuro possível; subjetificação, com a cidadania biológica ou biocidadania, que reconfigura direitos e deveres, a partir da existência corpórea dos seres humanos; especialização somática, considerando especialistas em partes dos indivíduos e seus processos somáticos; economia da utilidade, considerando o aumento de valor na ultrapassagem da cura para o aprimoramento.

Na obra *O império cibernético* (2004/ 2007), Lafontaine mapeia nos anos 1950 e 1960 a origem da “ciência do controle e da comunicação” (2007, p. 22), com a sua capacidade de expandir conceitos sem limites, tais como o de entropia, informação e retroação. Na medida em que o ciborgue apresenta parte orgânica e parte mecânica, a mediação é proporcionada pela interface corpo-máquina, sendo no contexto dos Estados Unidos pós-Segunda Guerra Mundial, que suas potencialidades começam a

ser desenvolvidas a partir da obra de Norbert Wiener, *Cybernetics or control and communication in the animal and the machine* (1961). Afirma a autora que,

Da psicologia à automação, passando pela medicina, o direito ou a história da arte, das questões técnicas às reflexões filosóficas, todas as disciplinas parecem, de uma forma ou de outra, para eles ter convergido (LAFONTAINE, 2007, p. 24).

Wiener une conceitos teóricos como o pragmatismo tecnológico próprio da engenharia, assumindo como uma de suas tarefas fabricar máquinas inteligentes e organizar a sociedade em função da automação (cf. LAFONTAINE, 2007, p. 26). A cibernética se configura como uma ciência americana, mesmo com a inspiração no modelo de pesquisa, que culmina na fabricação de bombas atômicas (Projeto Manhattan, desenvolvido entre 1942 e 1945 em *Los Alamos* com cerca de 100.000 investigadores e técnicos).

Outra conexão da cibernética é com o behaviorismo, na medida em que a investigação de humanos e animais conduz à percepção tanto de comportamentos adaptativos, quanto dos reflexos condicionados, sendo o modelo de estímulo e resposta relevante para a compreensão de *input* e *output*, porém rejeitando a psicologia das profundezas e a interioridade humana, sujeitando seres humanos a completa transparência e à possibilidade de transformação na interação com o ambiente (cf. LAFONTAINE, 2007, p. 29-30).

### **III. A sociedade em rede se lança aos organorgs**

É na relação entre desmaterialização e fluxo de informação, que a sociedade em rede se constitui. As relações são sentidas, no entanto, sempre para além de limites territoriais, na medida em que a ciência e a tecnologia também se expandem, assim como a produção e a circulação de mercadorias. Haraway retoma os dualismos, demonstrando a ultrapassagem de categorias da modernidade, entre elas organismo, que é reconhecido como componente biótico; reprodução como replicação; família, mercado, fábrica como mulheres no circuito integrado; patriarcado capitalista como informática da dominação. De acordo com Haraway,

Quaisquer objetos ou pessoas podem ser pensados racionalmente em termos de desmontagem e remontagem; nenhuma arquitetura “natural” apresenta restrições ao design do sistema. Os distritos financeiros em todas as cidades do mundo, bem como as zonas de processamento de exportação e de livre comércio, proclamam esse fato elementar do “capitalismo tardio” (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 283).

Não se trata de dualismos orgânicos, mas de sistemas de produção e reprodução estruturados segundo a estratégia quantitativa de controle, cujas consequências são sentidas ainda mais pelas mulheres e seus dependentes. Enquanto socialista-feminista, Haraway considera relevante projetar sobre a ciência e a tecnologia o olhar político, na medida em que os problemas a serem enfrentados não dizem respeito apenas à codificação, própria da informática, pois mesmo sobre ela se insinuam potenciais de desmontagem, remontagem, investimento e troca. Tal linguagem também se projeta para a investigação do organismo, pois ele “[...] tem sido traduzido em problemas de codificação genética e de leitura. A biotecnologia, uma tecnologia de escrita, informa a pesquisa de maneira ampla” (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 286).

Neste complexo movimento de transformações econômicas, científicas e tecnológicas, o trabalho doméstico também se transforma a partir do enfraquecimento das estruturas familiares, da mobilidade do capital e da divisão internacional do trabalho. Porém ambos, homens e mulheres, estão desaparecendo das folhas de pagamento ou com a desqualificação do trabalho, com baixo salário, exploração (cf. HARAWAY, 1985/ 2023, p. 289 - 290).

Haraway visualiza no trabalho doméstico a possibilidade de visibilização a partir das novas tecnologias, mesmo com tecnologias que pareçam dispersar e descentralizar o trabalho. Diante da exploração, desqualificação e tendência à dispersão, Haraway sugere a constituição de alianças, haja vista que, mesmo quando excluídas do uso de tecnologias, estima-se mundialmente que as mulheres sejam responsáveis por metade da produção de alimentos para subsistência (cf. HARAWAY, 1985/ 2023, p. 293).

Percebe-se, então, o quanto o Manifesto Ciborgue parte das sociedades atravessadas por várias tecnologias e reconhece, no entanto, que permanecemos terrestres, dependentes organicamente não de informações ou mercadorias, mas de alimentos que permitam realizar várias outras tarefas que nos competem, sejam elas físicas ou intelectuais. Por isso, talvez os ciborgues sejam mal interpretados como resultantes apenas das tecnologias. Haraway os define como

[...] organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social ao mesmo tempo que é uma criatura da ficção. A realidade social são as relações sociais vividas, nossa construção política mais importante, uma ficção capaz de mudar o mundo (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 260).

Mesmo que as tecnologias nos atravessem, alterando o modo como produzimos e reproduzimos em nossas vidas, talvez encontremos uma das mensagens mais potentes do Manifesto Ciborgue no reconhecimento de nós mesmos como organismos, corpóreos, parciais, situados em contextos que podem ser explorados com maior ou menor intensidades nossa capacidade de viver plenamente, e não apenas sobreviver. A diferença entre ambos parece estar mais no tipo de vida que se almeja ou que se imagina ser digno. Visualizar mundos possíveis em cenários não catastróficos é também repensar o significado das relações sociais que estabelecemos.

Haraway nos convida, na verdade, a voltarmos a nos perceber enquanto organorg, termo que, segundo Thierry Hoquet, designa acoplamentos claudicantes entre máquinas e organismos, sendo que o centro da normatividade vital ainda estava nos organismos. Ser apropriado por uma cadeia produtiva e reprodutiva, sem que percebamos um senso de propósito, é justamente a diferença entre imaginar que os dualismos modernos nos condicionam e que o biopoder ainda mobiliza forças vitais para transformar corpos e mentes dóceis aptos ao trabalho.

Organorg (organismos com instrumentos externos integrados) certamente surge como um novo composto altamente individuado, contudo esse novo

indivíduo se encontra provido de um conjunto de dispositivos (os cinco sentidos orgânicos ou diferentes instrumentos perceptivos que lhe fornecem diversos dados dos quais ele poderia fazer uso: visão infravermelha, percepção de ultrassons etc.) que contribuem para a sua conservação como indivíduo. O indivíduo exige, para realizar seu objetivo (sobreviver), que se opere uma triagem normativa em seu meio, uma valorização do seu meio ambiente (HOQUET, 2011/ 2019, p. 62).

As novas tecnologias tendem à privatização, por isso Haraway reconhece a importância da reestruturação de relações sociais nas sociedades industriais avançadas. A rede operacionaliza relacionar corpo pessoal e público, expandindo espaços e constituindo identidades, mesmo que, para Haraway, ciborgues tendem a coalizões sem identificação unificadora: a questão permanece sendo a sobrevivência (cf. HARAWAY, 1985/ 2023, p. 297), evitando corporificar o logos Ocidental através da parcialidade permanente, na medida em que não há “linguagem perfeitamente verdadeira, com a nomeação perfeitamente fiel da experiência” (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 302).

Trata-se de uma tentativa de resposta para a questão do final do século XX, mas que continua pertinente: “o que significa estar corporificado em mundos de alta tecnologia?” (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 303). Assim, a autora nos coloca em estado reflexivo, diante da perspectiva que nos permite visualizar o que antes não era visível: a tecnologia como redutora da experiência de vida, cuja energia vital é mobilizada quase exclusivamente para produção de mercadorias e bens que nem sempre conseguimos adquirir.

Mesmo que a promessa de mais máquinas pareça estar vinculada à diminuição do esforço produtivo (microeletrônica, robótica) ou da reprodução (com reprodução medicamente assistida, formação de biobancos) que parecem aperfeiçoar o modo de vida sociais e os indivíduos que as compõem, os ciborgues não buscam a perfeição: “Ciborgue é a luta pela linguagem e contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todos os significados perfeitamente” (HARAWAY, 1985/ 2023, p. 307).

Os dualismos modernos eu/outro, mente/corpo, cultura/natureza, são recolocados em movimento pela escrita ciborgue. O eu autônomo não dominado é uma ilusão, reconhecer-se como híbrido é identificar-se com a dança dos dualismos, não havendo separação essencial entre máquina e organismo, entre técnico e orgânico (cf. HARAWAY, 1985/ 2023, p. 310). Ciborgues não têm soluções para problemas que não criaram. Resultam do acoplamento com máquinas e utilizam a linguagem como forma de flexibilizar as rígidas estruturas semânticas, que os reduziram a metáforas orgânicas, que os colocaram como engrenagem a serviço da produção e da reprodução no capitalismo tardio, cujo controle adquire-se pela informática da dominação em seu projeto de estabelecer código único para a diversidade da vida.

### **Aspectos conclusivos**

É preciso reconhecer os prolongamentos das relações de sentido que são mobilizadas no Manifesto Ciborgue, sem perder de vista que cada leitor/a e intérprete identificará outras ênfases como mais relevantes do que aquelas que foram colocadas nesta análise. O fluxo contínuo de informação não deve ser justificativa para apagamento da memória histórica e dos traumas oriundos do colonialismo, do imperialismo e da redução dos indivíduos às máquinas do capitalismo tardio. A opacidade do corpo, a impossibilidade de sentirmos o sofrimento e a dor do outro não impede que sofram coletivamente. Estruturas de categorias dualistas que dão suporte a relações de dominação são apenas uma das várias alternativas possíveis. A imaginação se expressa por meio da ficção e a realidade dos ciborgues é potente em metáforas de coexistência, que no Manifesto Ciborgue se apresenta na convivência entre organismos e máquinas, reconhecendo o organismo como eixo de normatividade vital.

## **Agradecimentos**

Agradeço aos participantes do GEO - Grupo de Estudos do Organismo e do Orgânico, Mariana Neves, Gabriel Parolin, Teresa Fonseca e Roberta Dittrich, cujo interesse na leitura das obras propostas a cada semestre letivo do Departamento de Filosofia da UFPR, contribuiu para a melhor compreensão das perspectivas corporificadas, parciais e situadas como imprescindíveis para a Epistemologia Histórica da Ciência e da Tecnologia, bem como pelo engajamento nas atividades editoriais da revista Cadernos PET-Filosofia/UFPR dedicados à investigação das tecnociências. Agradeço ao Elan Sikora, também participante do grupo, que identificou alguns pontos para correção. Agradeço também ao supervisor de pós-doutorado do PPGFIL/UFPR, Dr. Ronei Clécio Mocellin (DEFIL, NECTEC/UFPR).

\* \* \*

## **REFERÊNCIAS**

- DORLIN, Elza & RODRIGUEZ, Eva. **Penser avec Donna Haraway**. Paris : Presses Universitaires de France, 2012.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs, and Women: the reinvention of nature**. New York: Routledge, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A reinvenção da natureza: símios, ciborgues e mulheres**. Tradução Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023.
- \_\_\_\_\_. (2016). Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.
- HOQUET, Thierry (2011). **Filosofia ciborgue: pensar contra dualismos**. Tradução Marcio Honorio de Godoy. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LAFONTAINE, Céline (2004). **O império do cibernético: das máquinas de pensar ao pensamento de máquina**. Tradução Pedro Felipe Henriques. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

\_\_\_\_\_. **Le corps marché : la marchandisation de la vie humaine à l'ère de la bioéconomie.** Paris : Éditions du Seuil, 2014.

MERCHANT, Carolyn. **The Death of Nature: women, ecology, and the scientific revolution.** New York: HarperCollins, 1980.

\_\_\_\_\_(2020). **A morte da natureza: mulheres, ecologia e a revolução científica.** Tradução Allan de Campos Silva, Ana Carolina Gonçalves Leite, Bárbara Baracho, Bruno Xavier, Cássia Fellet, Gabriela Fellet, Júlia Giorgi Mariano, Mariana Hope Sartori, Mayara Araújo de Assis, Priscila Ambrósio Moreira, Rafael Afonso Silva. São Paulo: Igrá Kniga; Expressão Popular, 2025.

LUGONES, María (2010). Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ROSE, Nikolas. **The politics of life in itself: biomedicine, power, and subjectivity in the twenty-first century.** 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: perspectiva dos estudos culturais.** 15 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 20

Recebido 06/02/2025

Aprovado

29/08/2025

Licença CC BY-NC 4.0

